



INTERFACES ENTRE JUVENTUDE, SEXUALIDADE FEMININA E AUTOCUIDADO NO SERIADO "SEX EDUCATION"¹

INTERFACES BETWEEN YOUTH, FEMALE SEXUALITY AND SELF-CARE IN THE "SEX EDUCATION" SERIES

Luana Alcantara Fialho²
Juliana Vieira Sampaio³

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi analisar de que modo a sexualidade de adolescentes é produzida e retratada no seriado "Sex Education", em especial a sexualidade feminina. Tratou-se de um estudo de caso de documento audiovisual. Evidencia-se que a educação sexual nas escolas é comumente configurada a partir da heteronormatividade. Aimee, uma das personagens, é um exemplo de como a legitimidade das mulheres é validada a partir do olhar desejanste dos homens e de como essa relação de desigualdade de gênero implica na falta de conhecimento sobre o próprio prazer e os direitos sexuais. O seriado "Sex Education" nos leva a questionar muitos padrões de gênero, sexualidade, raça, etc., mas é necessário ressaltar as diferenças quanto à realidade brasileira.

Palavras-chave: Sexualidade feminina. Educação sexual. Saúde sexual. Prazer.

Abstract: This research objective was to analyze how youth sexuality is reproduced in the series "Sex Education", especially the female. It was a case study of an audiovisual document. It's common that sex education in schools are based on heteronormativity. Aimee, one of the characters, is an example of how women's legitimacy is validated by man's desire and how this kind of relationship implicates a lack of knowledge about their own sexual pleasure and rights. The series "Sex Education" provokes many questions about gender, sexuality, race, etc., but it's important to consider the differences between european and brazilian reality.

Keywords: Female sexuality. Sex education. Sexual health. Pleasure.

¹ Artigo recebido em 15 de agosto de 2021 e aceito para publicação em 28 de setembro de 2021.

² Psicóloga pela UnB, especialista em Saúde Mental do Adulto pela FEPECS/ESPCS. E-mail: luana.afialho@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6716-5836>.

³ Psicóloga, Doutora em Psicologia, professora adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: julianavsampaio@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5770-244X>.

A forma como entendemos a sexualidade humana através da história revela tanto sobre mensagens quanto sobre uma perspectiva biologicista, em que muito se discute sobre sua manifestação no corpo e a forma como hormônios e neurotransmissores fazem o seu papel no desenrolar do prazer. O pensamento ocidental é marcado profundamente pela dualidade cartesiana de mente/corpo. Nessa perspectiva, o corpo é objeto das ciências naturais, instrumento da consciência e veículo de expressão. Autores como Espinosa, Deleuze e Foucault tentam desconstruir esse tipo de concepção binária como mente/corpo, natureza/cultura, essência/construção social nas ciências humanas, que historicamente as compreendem como duas substâncias irredutivelmente distintas (XAVIER, 2007).

Não diferentemente é a noção de macho/fêmea. O pensamento misógino, segundo Elizabeth Grosz (2000), encontra conveniente justificativa na dualidade mente/corpo em função da representatividade do corpo feminino, já que mulheres são contidas em corpos frágeis, imperfeitos, desregrados, não confiáveis. A sexualidade feminina e o poder de reprodução das mulheres – os dispositivos amoroso e materno (ZANELLO, 2018) – são as características culturais definidoras do que é ser mulher, ao mesmo tempo em que são as mesmas funções que as tornam vulneráveis, necessitando de proteção e cuidados especiais. A vinculação da feminilidade ao corpo confina mulheres às exigências “biológicas” de reprodução e beleza, ao passo que aos homens é associado o campo do conhecimento e do saber, ou seja, à masculinidade se vincula a mente (XAVIER, 2007).

Essa interação do natural com o cultural sugere uma reconceitualização do corpo, não em oposição uma à outra, mas compondo uma *subjetividade corporificada*, ou até mesmo uma *corporalidade psíquica* (GROSZ, 2000; XAVIER, 2007). Judith Butler (1990) se refere ao corpo como objeto de contestação de lutas econômicas, políticas, sexuais e intelectuais. Para a autora, a experiência corpórea é um processo dinâmico de encarnação e reencarnação de possibilidades culturais na concretude da própria matéria. O corpo, nessa perspectiva, não representa apenas sua materialidade física e biológica, mas traz todo um aparato de diferentes leituras e, principalmente, leitores. Trata-se da repetição e reafirmação sucessiva de padrões sociais que, mesmo no processo de construção singular de cada sujeito, as possibilidades existenciais são reduzidas a expectativas culturais que modelam homens e mulheres a agir de maneiras pré-determinadas (REIS, 2013).

A construção do “ser mulher” e “ser homem”, como podemos perceber, se dá na continuidade do tempo e espaço, desde antes do nascimento até a velhice. A adolescência, bem como a iniciação sexual dos jovens, são fases privilegiadas para repensarmos esses caminhos, já que são momentos de consolidação das performances de gênero. A Política Nacional da Juventude (2006) prevê um cuidado respaldado pela prevenção e promoção de saúde, compreendendo que as

experiências dessa idade repercutem no desenvolvimento integral e são cruciais para o restante da vida. A sexualidade, nessa perspectiva, faz parte do exercício da individualidade, da busca de um autoconceito e de qualidade de vida, sendo a educação sexual parte das estratégias primordiais nos dispositivos de saúde, assistência e educação para este processo.

O início da vida sexual insere os jovens em importantes escolhas e responsabilidades frente às diversas maneiras de toque, categorias de relacionamento, orientações sexuais, métodos contraceptivos e preventivos contra as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Ao mesmo tempo, tais contextos trazem em voga questões importantes como a negociação da camisinha, a gravidez, o aborto, os padrões de beleza, e a regulação da sexualidade dos corpos e hierarquia entre homens e mulheres. De acordo com Altmann (2007), a prescrição de comportamentos e discursos para as primeiras experimentações sexuais são facilmente encontrados entre as instituições de ensino e projetos pedagógicos. Porém, seus colaboradores pouco sabem sobre como os jovens se relacionam sexualmente com os outros e com o próprio corpo, as regras de troca entre os pares e as interferências individuais e coletivas de gênero, classe social e faixa etária. A concepção biologicista da sexualidade, além de enxergar o corpo como o lugar de trabalho de neurotransmissores e hormônios, pressupõe a relação naturalizada de sexo como penetração do pênis na vagina.

A intenção desse trabalho é trazer à tona as questões emergentes sobre a sexualidade feminina na perspectiva da autonomia sobre o próprio corpo e enquanto questão de autocuidado. Da mesma forma, a educação sexual tem papel primordial de socialização, podendo trazer espaços de discussão de estereótipos, proteção à saúde, prevenção à violência e compreensão sobre os direitos sexuais e reprodutivos. Dar voz às experiências sexuais das mulheres jovens como protagonistas desse processo de descoberta, prazer e autocuidado é um ato político. Desta forma, o objetivo desta pesquisa é analisar de que modo a sexualidade de adolescentes é produzida e retratada no seriado "Sex Education", em especial a sexualidade feminina.

Tratou-se de uma pesquisa de análise de documento audiovisual, baseada em um estudo de caso da série "Sex Education", da plataforma Netflix. Entendemos que as mídias assumem papel fundamental no cotidiano das pessoas a partir da construção e circulação de repertórios sociais, bem como na reestruturação de espaços de interação e de produção de sentido (MEDRADO, 2013). Passarelli (2013) refere-se à produção cinematográfica não apenas como a soma de cenas, sons e diálogos, mas como o resultante da materialização de enunciações, linguagens, expectadores e públicos. Da mesma maneira, estudos de caso apresentam-se como modalidade de estudo de um objeto específico e bem delimitado, mas que traga importância representativa ao tema em questão (VENTURA, 2007).

Além disso, uma pesquisa de caráter reflexivo revela posicionamentos e valores, evidenciando a perspectiva de análise. Nesta pesquisa partimos da noção de corpo e sexualidade como performance de gênero (BUTLER, 1990) estando afinada com o compromisso antiessencialista das categorias mulher e homem. Costa (2002), por exemplo, encara o conceito de mulher como *posicionalidade*, abrindo portas para o engajamento, a construção, o conflito, as contradições. Contudo, o binarismo estratégico (SPIVAK, 1998 in ZANELLO, 2018) utilizado neste trabalho se apresenta na tentativa de revelar estruturas sociais e pedagogias sexuais presentes em caminhos privilegiados de subjetivação de homens e mulheres. Fatores como raça, gênero, classe social, território, faixa etária, suas conexões e rupturas foram levados em consideração e integram o olhar analítico-reflexivo.

O seriado “Sex Education”, de 2019, conta com duas temporadas disponíveis na plataforma digital Netflix. O protagonista é um adolescente inseguro chamado Otis, filho de uma mulher divorciada e terapeuta sexual. Em função do convívio com sua mãe, Jean, Otis desenvolve respostas às questões sobre a sexualidade trazidas por seus colegas da escola, apesar de nunca ter feito sexo. Juntamente com Maeve, Otis resolve montar a própria clínica sobre sexualidade dentro da escola para auxiliar os outros estudantes. O protagonista e seus “pacientes” discutem problemas sexuais que muitos não conseguem entender ou admitir que têm; discussões estas sempre permeadas de humor inteligente, irônico e jargões especializados aprendidos com Jean.

A produção inglesa apresenta e discute tabus relacionados à sexualidade que configuram o objeto fílmico de relevância. Durante os episódios, são citadas situações de conflito em torno das ISTs, disfunção erétil, aborto, orientações sexuais, descoberta da própria sexualidade, religião, etc. Escolhemos para análise, entre as personagens femininas, Aimee Gibbs, aluna da escola Moordale, adolescente, branca, a qual possui corpo considerado padrão para mulheres e mora com os pais. Aimee é uma garota sensível e ingênua, que amadurece afetivamente e sexualmente a cada cena, principalmente depois de práticas sexuais desconfortáveis e uma situação de assédio sexual no ônibus a caminho da escola.

Assistiu-se a todos os 16 episódios atualmente disponíveis na plataforma Netflix, de, em média, 55 minutos cada. Foram feitas anotações ao longo de todo o percurso, bem como a seleção de cenas e a transcrição de diálogos importantes orientada pelos objetivos da pesquisa. Foi produzido um diário de anotações referente às percepções que surgiram ao longo das duas temporadas da série. O material foi sistematizado em categorias de análise baseadas em falas e cenas representativas. As categorias de análises foram: 1) abordagens da sexualidade na escola; 2) sexualidade feminina na adolescência.

Sexualidade na vivência escolar

A sexualidade é frequentemente tema de diálogos, reuniões escolares, aulas e palestras na escola Moordale. A clínica clandestina de Otis e Maeve ganha rapidamente espaço na série, com alunos e funcionários se beneficiando dos seus aconselhamentos. Siririca⁴, “chuca⁴”, viagra, divulgação de “nudes”, transmissão de ISTs, vaginismo e muitos outros temas são discutidos de maneira leve e divertida pelo seriado nas explicações confusas e incomuns de Otis. Temos ainda o diretor da escola, Mr. Groff, que tem dificuldade de falar sobre o tema e facilmente se desconcerta com situações relacionadas com a sexualidade; além dele, a personagem Jean, mãe de Otis, sexóloga, realiza um contraponto entre os adultos da série, ao discutir sexualidade e prazer de forma descontraída.

A cada episódio, diferentes pessoas que frequentam a escola Moor-dale trazem dilemas acerca do exercício da autonomia e liberdade, colocando em xeque questões culturais, sociais e religiosas que implicam na violência, opressão e preconceito perante a diversidade sexual e o exercício da sexualidade. Isso porque a escola, enquanto instituição, tem papel primordial na construção, articulação e transgressão de identidades culturais (de raça, gênero, etc.). O currículo escolar define tanto conteúdos e avaliações quanto discursos, evidencia, portanto, um processo de criação e interpretação de saberes que resultam em comportamentos, valores e crenças consequentes da experiência do ser escolarizado(a) (SACRISTÁN, 1995).

A representatividade desses discursos articula marcadores sociais e produção de subjetividades, tendo efeito de verdade. Nesse sentido, a educação sexual, quando preocupada com saúde, liberdade e respeito, estará intimamente ligada a processos de combate à hierarquização e categorização de identidades. Não estamos falando sobre negar a materialidade dos corpos, mas sim sobre entendê-los como não-cristalizados no “ser”, ou seja, como possibilidades do “estar”. Na perspectiva de hierarquização, a todo e qualquer processo de construção de identidade serão atribuídos significados simbólicos e sociais que, por sua vez, dão origem ao sexismo, à xenofobia, à misoginia e à “heterocompulsoriedade” (FURLANI, 2007).

Segundo Foucault (1993), o regime do poder-saber-prazer não se dá apenas pela proibição e censura, mas pela prática, divulgação e hierarquização de uma ordem normativa e classificatória das condutas sexuais. Para fins de análise, faz sentido separar Mr. Groff, diretor da escola, e Dra. Jean, sexóloga, como produtores e reprodutores de discursos sobre a sexualidade.

⁴ Nome popular para masturbação vaginal e clitoriana.

Cena 1

O diretor da escola Moordale Groff é um homem, heterossexual e branco à frente de uma instituição de ensino. O cargo que ele ocupa e a pequena parcela da escola que ele representa o distanciam de tudo. Mr. Groff tenta seguir as regras como ninguém, se irrita, se constrange com facilidade e busca convencer a todos da necessidade moral das regras. Não participa de nenhuma cena de sexo e, quando convidado pela esposa, recusa e justifica que está ocupado com o trabalho.

No terceiro episódio da série, o diretor precisa anunciar para a escola a atividade de arrecadação de dinheiro para compra de absorventes para meninas do nono ano. Mr. Groff se utiliza de um conselho de Maeve e se constrange em frente a toda a escola para se referir à menstruação. O diretor acaba tratando os coletores menstruais apenas como “produtos de higiene feminina”. Mr. Groff tenta, com o currículo escolar vigente e defasado, “normalizar” o ambiente a todo custo, preocupado com os olhares do conselho escolar e dos pais. Apesar de não fazer nenhum comentário explicitamente preconceituoso, é apático e asséptico. Mr. Groff simboliza o disciplinamento das instituições sobre os corpos.

Cena 2

Dra. Jean Milburn, mãe de Otis, é uma mulher branca, heterossexual e divorciada, mas que foge dos padrões por ser sexualmente ativa, rompendo com o estereótipo de uma pós-maternidade e pós-menopausa assexuada. Dra. Jean, no primeiro episódio da segunda temporada, participa de uma reunião emergencial de pais em função de um tumulto na instituição decorrente de uma suposta crise de clamídia entre estudantes, professores e funcionários. O diretor, nessa reunião, é questionado por Jean sobre como ele pretenderia reeducar os alunos sobre “práticas sexuais mais seguras”. Mr. Groff responde que a escola irá “reinstaurar o antigo currículo de educação sexual, testado e aprovado” e Dra. Jean acrescenta: “o seu currículo não está funcionando. Como profissional da saúde sexual, sugiro que adapte o seu currículo para dar aos adolescentes as ferramentas corretas para que possam se libertar desse estigma injustificado.” Jean ainda acrescenta: “São os CDF: confiança, diálogo e franqueza” que irão contribuir para educação sexual dos alunos. Após esse evento, a presidente do conselho escolar, Maxine, a convida para realizar uma assessoria curricular na escola.

Dra. Jean se oferece para assistir à aula de educação sexual do professor Colin Hendricks. O professor elabora sua aula baseada nas distinções anatômicas e fisiológicas dos corpos e explica sobre fecundação. Quando os alunos fazem perguntas sobre negociação da camisinha, escolha de lubrificantes e formas de proteção para sexo homoafetivo, Colin responde constrangido: “Bem, não dá para engravidar

pela... através de atividades homossexuais”. Um aluno retruca: “E o prazer? As pessoas nem sempre fazem sexo para fazer neném”. Dra. Jean, para ajudar o colega, fala sobre a importância de não abrir mão da negociação da camisinha e explica as melhores escolhas de lubrificante para não prejudicar a proteção do preservativo.

Após a insistência de Jean em permanecer na escola e concluir sua assessoria, alunos começam a procurá-la para conselhos sobre saúde, prazer, medos e diversos temas. Apesar do vasto conhecimento da especialista, que coordena cursos, escreve livros e atende casais, a mãe de Otis utiliza-se de jargões técnicos e se distancia dos jovens que atende. Dra. Jean, quando questionada por alunos sobre o uso de travesseiros e asfixia durante o sexo, já analisa e interpreta a demanda como “um provável caso de fetiche”. O dispositivo da linguagem técnica (FOUCAULT, 1993) autoriza Jean a analisar e interpretar a sexualidade dos alunos, como se apenas ela fosse legitimada a falar sobre o tema.

Os discursos de Mr. Groff e Dra. Jean produzem uma série de práticas na escola, sendo que o perigo das duas posturas está na inferiorização de discursos dissonantes, especialmente dos alunos, ferindo a autonomia e emancipação dos corpos destes.

É evidente, com a análise da série da Netflix, que a educação sexual nas escolas é um desafio para diretores, professores e alunos. Ao longo dos séculos, os estudos sobre sexualidade sofreram diversas alterações de olhares, formatações e perspectivas. Segundo Altmann (2013), as estratégias pedagógicas estiveram vinculadas a problemas históricos e sociais de administração da sexualidade e da vida social, como, por exemplo, a masturbação e as ISTs.

As intervenções sobre a sexualidade, dessa maneira, já sofreram diversas modificações e, atualmente, os discursos têm se alinhado em torno da diversidade sexual. A escola, nesse sentido, representa papel importantíssimo na democratização do conhecimento, no acesso e na igualdade de direitos. Porém, sabemos que a inconstância do foco das intervenções sobre a sexualidade se torna um desafio para docentes dos diversos graus de ensino. A formação profissional, nesse sentido, se faz mais que necessária.

No Brasil, a sexualidade não faz parte do currículo escolar oficial, mas é considerada uma temática transversal às diferentes áreas. Os direitos sexuais e reprodutivos, por sua vez, estão expressos pelo Ministério da Saúde e afirmam a liberdade de expressar a sexualidade independente de classe, estado civil, idade ou condição física, sem violência, discriminações e imposições, sem culpa, medo ou vergonha. A escolha de companheiros(as), de ter ou não relações sexuais, a prevenção à gravidez e às ISTs, a decisão de ter filhos ou não, e quando os ter são exemplos desses direitos. A única restrição está vinculada ao cuidado com os limites e desejos de parceiros ou parceiras antes, durante e depois da troca de prazer. Nessa perspectiva,

a inclusão do acesso às informações, serviços, assistência, educação, meios, métodos e técnicas para a prevenção de agravos à saúde e à gravidez transformam e personalizam os direitos em campanhas e projetos (BRASIL, 2005; BRASIL, 2013).

Nenhum dos dois discursos, de Mr. Groff e Dra. Jean, dá conta da carência de conhecimento, informação, liberdade e prazer que a sexualidade pode contemplar. Além da evidência da falta de informação sobre biologia e fisiologia do sexo, os personagens trazem a carência da liberdade de ser quem se deseja ser. Sexo, antes de ser procriação e fonte de infecções sexualmente transmissíveis, é prazer. Pouco se fala sobre as maneiras, os lugares e as estratégias de atingir orgasmos e “Sex Education” escancara esse déficit a cada episódio, quando pessoas de todas as idades, tamanhos, classes, orientações e cores procuram Otis e Dra. Jean para aconselhamento. As duas clínicas, tanto a clandestina de Otis, quanto a regularizada, da Dra. Jean, tem o seu papel necessário de acolhimento e mudança de perspectiva. É nesse sentido que emerge a necessidade de falarmos sobre masturbação, massagem tântrica, sexo sadomasoquista, fetiches, etc.

Não é apenas sobre a obviedade – às vezes nem tão óbvia assim – do direito de usar o corpo como quiser, mas também sobre aprender a sentir prazer com ele de maneira saudável.

Sexualidade, liberdade e autocuidado: trajetória da personagem Aimee

A sexualidade feminina é tema de discursos religiosos, médicos, educacionais, estéticos e midiáticos que sofreram grandes mutações ao longo dos séculos. É no início do século XX que se estabelece o ideal de mulher “bela, recatada e do lar”. Porém, na segunda metade do século, o recato sexual é aparentemente substituído pelo erotismo dos corpos femininos. As raízes da indústria pornográfica e seus encruzilhamentos com a vida conjugal começam a ganhar espaço nas mídias, revistas e filmes. As mulheres, a partir desse novo olhar, devem exibir sua sensualidade, seu corpo, serem erotizadas e se mostrarem desejáveis e desejantes de sexo (para o prazer dos homens). A ideia moderna de que as mulheres podem tomar iniciativas, se nos atentarmos, está vinculada ao “poder de sedução”. Fica claro, portanto, que as expectativas quanto à performance sexual de homens e mulheres se constroem e se mantêm pelos processos de subjetivação baseado no binarismo de sexo e gênero. Deles, esperamos eficácia, sustentação da ereção, gozo. Delas, o *sex appeal* (ZANELLO, 2018; DEL PRIORE, 2000). Zanello (2018) chama de “prateleira do amor” a condição na qual as mulheres são socialmente coagidas a estar. Esse dispositivo – conjunto de discursos, instituições e regulamentações (FOUCAULT, 1996) – condensa caminhos privilegiados de subjetivação das mulheres. Isso significa dizer que a relação das mulheres consigo mesmas é mediada pelo olhar do homem, que as coloca como objeto sexual do seu próprio prazer.

Aimee, personagem representativa de uma mulher jovem, europeia, cis, branca, com o corpo de beleza considerada padrão, ao longo dos episódios, nos convida a nos conectarmos com essa “história feminina” de descobertas, escolhas e violências.

Cena 1

Aimee aparece na primeira cena do seriado transando com seu namorado, Adam. Ela o faz perguntas sobre como ele gostaria que fosse sua performance sexual, mas ele está muito preocupado com o fato de não conseguir gozar. Aimee encerra a relação com Adam e se interessa muito por Steve, um colega bonito, branco, forte, inteligente e carinhoso. O início desse relacionamento já é desafiado no Episódio 6, pelo pedido do namorado para que ela dissesse o que a faz sentir prazer. “Parece que você está encenando. Diga o que você quer”, diz Steve. Quando Aimee desabafa com Otis sobre o ocorrido, relata: “Eu não sei o que eu quero. Ninguém nunca me perguntou isso.” “Eu sempre finjo.” Otis, com o conhecimento adquirido com a mãe, retruca: “As mulheres costumam sentir mais culpa que os homens em relação à masturbação. Sentem que é sujo, ou tabu. Mas não é.”. Após os conselhos do amigo, Aimee decide experimentar a masturbação e descobre como sentir prazer sozinha.

É simbólico que dois homens, Otis e o namorado Steve, ajudem Aimee a reconhecer a importância do próprio prazer. De início, ela fica relutante e estranha o pedido do namorado e os comentários do amigo. Porém, a cena de Aimee se masturbando é engraçada e divertida. Possui muitas cores, uma música animada e entende-se, pela sequência de recortes na cena, que ela passa a noite inteira se divertindo consigo mesma.

Aimee é um exemplo de como os dispositivos são poderosas tecnologias de gênero, que sufocam outras possibilidades de existência e liberdade. A legitimidade das mulheres, nessa perspectiva, está associada ao lugar que ocupam na “prateleira do amor”, ou seja, somos validadas a partir do olhar desejanter dos homens. Wolf (1992), nessa perspectiva, enxerga a beleza como uma qualidade a ser perseguida e conquistada dentro de um sistema mercadológico, vulnerável à apreciação externa, que possui valor de troca e pertencimento. O amor próprio e a autoestima, atributos supostamente caros nesse mercado, tornam-se terceirizados para as mulheres.

A gravidade dessa condição sustenta-se na vulnerabilidade das mulheres estarem expostas ao olhar do outro. A construção dos ideais de corpos femininos, até os dias de hoje, é conduzida majoritariamente por homens, brancos, cis. As representações acerca das mulheres e sua objetificação nos expõe ao apreço de uma história – termo ampliado de sentidos – contada por eles. A sexualidade feminina, não distante disso, se configura a partir da erotização e do desejo de ser

desejada. O clitóris e a vulva não são erotizados para as mulheres, mas são fonte de prazer dos homens, um buraco, vazio, que deve ser preenchido. A consequência é a pedagogia do fingimento do prazer.

Aimee representa o grupo “privilegiado” de mulheres desejáveis. Branca, magra, com grandes seios, favorecida social e economicamente, porém, quando analisamos a sua trajetória de amadurecimento, suas descobertas sexuais parecem estar sempre acompanhadas pelo olhar de um homem. Aimee, no Episódio 1 da série, pergunta para Adam se ele gosta dos seus seios e se frustra muito quando ele finge um orgasmo. Essa cena evidencia que homens e mulheres tendem a erotizar os corpos femininos e o desejo masculino. Como Wolf (1992) menciona, muitas mulheres podem confundir o desejo com o fato de ser desejada. A tentativa da personagem evidencia a sensibilidade exagerada das mulheres quanto ao desejo dos homens. O que deveria ser sentido como um todo corpo-experiência-prazer passa a ser dividido em partes visadas e/ou desconsideradas: “boceta”, “bunda”, “peitos”. (FIRESTONE, 1976; WOLF, 1992; ZANELLO, 2018).

Cena 2

Já no terceiro episódio da segunda temporada, Aimee passa por uma situação muito difícil no ônibus a caminho da escola. Um homem branco, de jaqueta azul, em pé atrás dela se masturba encostado em suas costas e goza na sua calça. Aimee fica chateada e confusa. Ao encontrar sua amiga Maeve, conta: “Eu estava no ônibus e um cara gozou na minha perna, aí eu fiquei meio chocada, acha que vai manchar?”, pergunta apontando para a calça jeans. “Você foi abusada.”, responde Maeve. Então Aimee retruca: “Acho que ele só era solitário, ou não batia bem da cabeça, o que é estranho, porque ele era bonito. (...) Eu estou bem, honestamente.” As duas vão para a delegacia prestar queixa por insistência de Maeve. Apesar de ser acolhida pela policial, quando foi perguntada se havia sorrido para o rapaz, Aimee se constrange e Maeve, em sua defesa, pergunta em tom de ironia: “Ela não deveria sorrir para as pessoas?”. Quando volta para casa, é questionada pela mãe o motivo de ter perdido a calça jeans e Aimee diz que não sabe dizer muito bem. Chora quando fica sozinha e não consegue entrar no ônibus na manhã seguinte. Com o passar do tempo, decide ir a pé para a escola, mesmo que seja longe da sua casa e passa a enxergar o homem de jaqueta azul em outros lugares e situações.

No Episódio 7, Aimee, Ola, Maeve, Lily, Olivia e Vivienne, meninas bem diferentes entre si, estão na detenção. Como punição, recebem a tarefa de preparar uma apresentação sobre “O que as une como mulheres?”. As meninas começam a brigar e não conseguem encontrar nada que as une, enquanto Aimee se irrita e diz a todas que não consegue entrar no ônibus. “É que ele tinha um rosto muito gentil. Eu lembro porque ele sorriu para mim, e não parecia um assassino

punheteiro psicopata. Se ele pode fazer uma coisa dessas, qualquer um poderia. Eu sempre me senti segura antes, e agora não mais. Deve ser idiota”. A partir desse momento, todas, em suas diferentes histórias, compartilham situações de assédio sexual. No final, a professora pergunta ao grupo sobre a resposta da tarefa e Olivia responde: “Além de pênis não consensuais, senhora, pouca coisa”.

As situações de assédio sexual extrapolam o ato em si e influenciam negativamente a saúde mental, a dignidade sexual, a autonomia, o direito de ir e vir (OLIVEIRA, 2019). No Brasil, em 2018, foi sancionada a Lei de Importunação Sexual (BRASIL, 2018), que se refere aos atos de assédio sexual em locais públicos. Alguns estados, como tentativa de remediar tais circunstâncias, têm separado vagões nos trens, metrô e ônibus específicos para mulheres. Aimee, depois do ocorrido, não consegue se relacionar sexualmente com o namorado e passa a não utilizar o transporte público para ir à escola. Durante a cena da detenção, ela grita para as colegas: “estou brava porque um homem horrível estragou meu melhor jeans, e ninguém fez nada, e agora não consigo entrar na porra do ônibus!”. Depois do consenso de que todas passaram por situações de assédio sexual, Ola, Maeve, Lily, Olivia e Vivienne, apesar das suas diferenças, resolvem ajudar Aimee a encarar o retorno ao ônibus. Em uma cena emocionante, as garotas provam que há outras possibilidades de construção de afeto entre mulheres, para além da prateleira do amor. Juntas, cuidam e auxiliam Aimee no desafio de subir no ônibus. Mostram que sororidade não é sobre ajudar as amigas e semelhantes, mas um compromisso social de emancipação de todas as mulheres.

As situações de assédio sexual relatadas por mulheres tão diferentes entre si são exemplos de desdobramentos do dispositivo amoroso e da “prateleira do amor”. A validação feminina como objeto de desejo condicionada à busca de um posto privilegiado nessa prateleira, que muitas vezes é provisório e efêmero e, mais grave ainda, leva à competição feminina. O fantasma do surgimento de novos “produtos” na prateleira desencadeia um processo bastante dolorido, aprisionador e capitalista no sentido mais visceral – corpóreo – de disputa de mercado. Dito isso, é grave perceber o privilégio dos homens de avaliar, julgar, validar mulheres. Sem serem colocados em questão, atuam sobre seus papéis de gênero sem tomar consciência da sua condição (ZANELLO, 2018).

Um homem de sorriso gentil, nessas condições, pode ser, sim, alguém que comete atos de violência contra as mulheres. O que está em xeque é esse lugar naturalizado no qual o homem, seja ele quem for, é validado em julgar mulheres pelos seus corpos, roupas, trejeitos, cor da pele, etc. De um lado, a suposta passividade sexual e atitude acolhedora das mulheres, de outro, a afirmação da sexualidade ativa masculina, que tem pouca ou nenhuma capacidade de renúncia.

Considerações finais

O seriado “Sex Education” é bastante rico e nos leva a questionar muitos padrões de gênero, sexualidade, raça, faixa etária, religião, drogadição, etc. Porém, trata-se de uma escola de classe média europeia. Apesar da possível comparação com a realidade brasileira, é importante considerar o “abismo” entre as condições apresentadas no seriado e da maior parte da nossa população. Aimee representa uma mulher relativamente comum na Europa e, mais especificamente, na Inglaterra. No entanto, dependendo do lugar, cidade ou estado que alguém como ela frequentar no Brasil, provavelmente fará parte de uma parcela bastante reduzida e privilegiada da população. Não podemos deixar de lado o processo de colonização, higienização e embranquecimento que mancharam de sangue a história brasileira. Nossas escolas, até aquelas que se empenham em conduzir um projeto pedagógico respaldado cientificamente, levando em consideração as questões sociais e históricas, muitas vezes são inibidas pela recente onda conservadora que insiste em reproduzir o discurso da mulher “bela, recatada e do lar”.

Além disso, é importante ressaltar que o alcance do seriado é vinculado ao acesso à internet e à condição de pagar a plataforma Netflix. Sabemos que essa não é a realidade de todos os brasileiros e que o seriado acaba atingindo apenas uma parcela da população. Parece importante ressaltar a coragem e a ousadia da plataforma, dos atores, dos diretores, produtores e toda a equipe envolvida em realizar um conteúdo audiovisual que nos convida a perceber inconsistências nos discursos ou nas atitudes.

O recorte de gênero e sexualidade feminina foi direcionado de acordo com interesses pessoais e semelhanças de histórias. No final das contas, a invisibilidade do prazer feminino, seja pela via do desejo de ser desejada, seja pela via da precarização dos projetos pedagógicos de educação sexual, distancia as mulheres de si e de suas demandas. O *desejo*, com esse trabalho, é que mais mulheres possam repensar esses padrões de subjetivação e de renúncia do próprio corpo, sejam elas quem forem. A luta, a manutenção e a conquista dos direitos sexuais e reprodutivos, para além do referido em lei, é busca por prazer, autocuidado e bem-estar. Obter conhecimento sobre o próprio corpo é um ato de coragem e emancipação. Fica a provocação de *tocar-se*, no sentido mais amplo possível do termo.

Referências

ALTMANN, H. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Estudos Feministas**, Florianópolis: Universidade Estadual de Campinas, v. 15, n. 2, 2007.

ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. In: **Sexualidade, Salud y Sociedad**, n. 13. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, 2013.

BENEDITO, M. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: SPINK, M. J. (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

BRASIL. Lei Nº 13.718, de 24 de Setembro de 2018. **Presidência da República**. Secretaria-Geral. Subchefia de Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm Acesso em: 03 Abr 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. ed. 1, reimpr. 1, 2013. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf Acesso em: 12 Fev 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Direitos Sexuais e Reprodutivos**. cad. 1, 2005. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_direitos_sexuais_reprodutivos.pdf Acesso em: 12 Fev 2021.

BUTLER, J. Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. In: Case, S.-H. (Orgs.). **Performing Feminisms: feminist critical theory and theatre**. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1990. p. 296-314.

COSTA, C. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos Pagu**, v. 19, p. 59-90, 2002.

DEL PRIORE, M. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: SENAC, 2000.

FIRESTONE, S. **A dialética do sexo: um estudo da revolução feminista**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 11 ed. v. 1. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FURLANI, J. Sexos, sexualidades e gêneros: monstrosidades no currículo da Educação Sexual. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, n. 46, p. 269-285, 2007.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GROSZ, E. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**. Campinas: UNICAMP, v. 14, 2000.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006.

NOVAES, R. C. R.; CARA, D. T.; SILVA, D. M.; PAPA, F. C. (Orgs.). **Política nacional de juventude: diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude; Fundação Friedrich Ebert, 2006.

OLIVEIRA, A. C. M. **Reflexões sobre a mulher e a importunação sexual nos transportes públicos brasileiros**. Goianésia: Faculdade Evangélica de Goianésia, 2019.

PASSARELLI, C. A. F. Imagens em diálogo: filmes que marcaram nossas vidas. In: SPINK, M. J. (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

REIS, D. F. **Ideias subversivas de gênero em Beauvoir e Butler**. Sapere Aude, v. 4, n. 7, p. 360-367, 2013.

SACRISTÁN, J. G. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da & Moreira, Antonio Flavio (Orgs.). **Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 82-113.

VENTURA, M. M. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. In: **Rev SOCERJ**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.

WOLF, N. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

XAVIER, E. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

ZANELLO, V. **Saúde Mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.